



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CENTRO HUMANIDADES- CAMPUS III**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**LAILSON BEZERRA DE SOUZA**

**A CACHAÇA E UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CACHACEIRO: ALGUNS  
APONTAMENTOS**

**GUARABIRA-PB  
JUNHO/ 2018**

**A CACHAÇA E UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CACHACEIRO: ALGUNS  
APONTAMENTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: **História, Memória e Cotidiano**

**Orientação:** Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

**GUARABIRA- PB  
JUNHO/ 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719c Souza, Lailson Bezerra de.  
A cachaça e uma construção histórica do cachaceiro:  
[manuscrito] : alguns apontamentos / Lailson Bezerra de  
Souza. - 2018.  
27 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa, UPE -  
Universidade de Pernambuco."

1. Construção. 2. Cachaça. 3. Cachaceiro.

21. ed. CDD 304.2

**Lailson Bezerra de Souza**

**A CACHAÇA E UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CACHACEIRO: ALGUNS  
APONTAMENTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Orientador: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

Aprovada em: 12/06/2012.

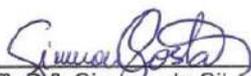
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Prof. Dr. Cristiano Luis Christillino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPE)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Simone da Silva Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao professor Rivaldo Amador por sua orientação, apoio e uma extrema paciência. Aos meus pais Nilza e Luís. Aos meus irmãos. Ao corpo docente de História. E aos meus colegas de classe, em especial Jailson, Felipe, Aurélio, Elton e Luiz. Agradeço.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2. O nascimento da cachaça.....</b>	<b>9</b>
<b>3. Os primeiros consumidores da “aguardente”: Breve percurso.....</b>	<b>13</b>
<b>4. O bêbado do século XX .....</b>	<b>17</b>
<b>5. O imaginário do bêbado na literatura .....</b>	<b>20</b>
<b>6. Conclusão .....</b>	<b>24</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>26</b>
<b>Referências.....</b>	<b>27</b>

## A CACHAÇA E UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CACHACEIRO: ALGUNS APONTAMENTOS

Lailson Bezerra de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como finalidade fazer uma análise sobre a construção histórica e social da bebida popular brasileira a cachaça sobre como ela esta envolvida de forma direta e indireta na criação de alguns costumes hoje reconhecido como comuns e populares. Fazendo também uma análise de forma mínima sobre as imaginações, pré-conceitos criados sobre aqueles que consumiam a cachaça, não só no momento da sua criação durante o Brasil colônia, mas como também sobre o século XX e a imagem do cachaceiro em obras como a literatura (*Usina e Fogo Morto*), por fim mostrando uma alteração a partir dos anos 90.

**Palavras-chave:** Construção, Cachaça, Cachaceiro

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus III – Guarabira-PB. E-mail: lailsongba@gmail.com

## 1. Introdução

O presente artigo tem como um dos objetivos, fazer uma breve análise histórica sobre a cachaça, buscando responder a origem dessa bebida e certos aspectos da construção social do imaginário do bêbado. E por que ela está tão ligado a nossa cultura e o dia-a-dia do brasileiro além da visão que ela transmitir do Brasil para os países que fazem consumo da cachaça, levando com ela não só uma imagem da cultura, mas também o “espírito” brasileiro.

Os preconceitos e estereótipos que operam no sentido de marginalizar todos aqueles que não se encontram dentro de um modelo social idealizado por um estado de ordem que imagina uma sociedade perfeita tende a criar problemas sociais profundos. Assim, a inaceitabilidade de costumes e modos de ser e estar no mundo que procura demonizar tudo aquilo que se encontra fora dos padrões impostos não deveria ser também uma preocupação da psiquiatria? A sociedade tende a condenar as mulheres, homossexuais e LGBTs, negros, pobres, idosos, pessoas com necessidades especiais, obesos e tantas outras minorias políticas sem a preocupação de rever reflexivamente a sua posição.

Porém o objetivo específico deste artigo é pontuar alguns aspetos que contribuíram para o imaginário dos consumidores da cachaça ao longo dos séculos, durante a colônia e império, como os escravos sendo os criadores e os primeiros consumidores. Durante o séculos XX o imaginário social estereotipado da cachaça e do cachaceiro recebeu o apoio da psiquiatria. Na literatura essas mesmas representações foram alimentadas e disseminadas.

Tendo isso em mente, podemos discorrer sobre como o “cachaceiro” foi construído socialmente e de que forma essa representação pendura na sociedade atual. Apesar da cachaça, nos dias atuais, ganhar uma imagem positiva no mercado brasileiro, termos pejorativos utilizados para se referir à cachaça e ao bêbado ainda estão muito presentes no meio social. Além disso, ainda é comum a associação que se faz dessa bebida como “coisa de gente pobre”, de “gente desordeira”, resultado de um imaginário classista.

Estas questões entre outras serão exploradas ao longo do artigo como forma de mostrar a construção social que existe sobre a cachaça e os cachaceiros,

não só eles, mas também mostrando que para alguma ideia sobre determinado padrão vim a ser presente dever um longo processo de construção.

## 2. O nascimento da cachaça

Para compreendermos a construção social do “bêbado”, é necessário lançarmos alguns questionamentos pertinentes à construção histórica da cachaça, sua origem e como ela se tornou uma bebida tão comum em determinados grupos sociais, principalmente a gente pobre. Por que será que sempre que ouvimos alguém falar bêbado lembramo-nos da cachaça? Uma vez que são inúmeras as substâncias, usadas por diferentes sociedades, que podem produzir a embriaguez.

De maneira geral os termos cachaça, cachaceiro, bêbado, entre outros, se encontram carregados de um forte estereótipo, preconceitos e estigmas. Genericamente, grande parte da sociedade brasileira entende que todo bêbado é “cachaceiro”, ou seja, consumidor de cachaça. Nesse sentido, tais vocábulos foram produzidos culturalmente com o objetivo de construir uma imagem negativada dos atores e dos lugares onde se vende ou se bebe a cachaça. Assim, os agentes considerados “cachaceiros”, “bêbados”, tornaram-se sujeitos destituídos de qualquer “valor” humano. Estes são, socialmente, colocados à margem pelo mero motivo de consumir cachaça. Todavia, antes de discorrer sobre está assunto é preciso saber: onde surgiu a cachaça?

De acordo com Câmara Cascudo, a primeira vez que o termo cachaça aparece na literatura são nas cartas do escritor e poeta português Sá de Miranda<sup>2</sup>, mais precisamente em sua segunda carta<sup>3</sup>.

Ali não mordida a graça,  
Eram iguais os juízes;  
Não vinha da praça,  
Ali, da vossa cachaça!  
Ali, das vossas perdizes!<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Francisco de Sá de Miranda (1481-1558) foi um escritor e poeta português. Ao alcançar o grau de doutor em direito tornou-se professor de universidade em Lisboa. Influenciou alguns escritores como o tão conhecido poeta português Luís Vaz de Camões. Para ele a poesia é uma forma de denunciar os vícios da sociedade.

<sup>3</sup> Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**: Enologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil. Belo Horizonte: Itarriaia, 1986. p. 9.

<sup>4</sup> Idem.

O termo cachaça, segundo o próprio Cascudo, vem provavelmente de uma bebida dos espanhóis que conseguiam, através do processo de “pisar” uvas. Esta bebida teria um teor de 18 graus alcoólicos. Contudo, no Brasil, antes mesmo da conhecida produção da cachaça, já existiam bebidas alcoólicas. Uma dessas bebidas fabricadas pelos nativos no Brasil era o “CAUIM”. De acordo com esse folclorista, “do sumo destas frutas faz o vinho, com que se embebeda”. Trata-se de uma bebida retirada da mandioca, de Milho e outras frutas e fabricada, em várias tribos, pelas mulheres indígenas. Porém, não era utilizado o termo cachaça, mas sim vinho ou aguardente (CASCUDO; 1986, p. 11).

Em seu *Dicionário da Língua Portuguesa* publicado pela primeira vez no ano de 1789 e considerado um grande contributo e claro objetivo de aprimorar a língua portuguesa, António de Moraes Silva definiu no termo cacháça, assim grafado na obra citada, como sendo, no Brasil:

Aguardente ordinária, extraída do mel, ou borras do melaço, e das limpaduras da canna de assucar. [...] espuma grossa, que, na primeira fervura, se tira do succo das cannas na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com a decoada de cal, ou cinzas<sup>5</sup>.

Ainda concernente ao vocábulo, esse autor traz mais uma definição, “Prazer habitual; goso que se toma de fazer alguma coisa por habito, por costume, por paixão: *a minha cachaça é aos domingos comer, beber e jogar com três ou quatro amigos*”<sup>6</sup>. Com isso temos um registro oficial do aparecimento da palavra cachaça.

Em fins do século XIX, Visconde de Beuarepair-Rohan oferece, em seu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, uma definição do termo, observando como o conceito português Cacháça foi readaptado para a cultura brasileira.

aguardente feita com o mel ou borras do melaço, diferente da que fabricam com o caldo da canna, á qual chamam aguardente de canna ou canninha. [...]. Aulete attribue a este vocabulo uma origem exclusivamente brasileira, entretanto que Moraes, citando a auctoridade de Sá de Miranda, o dá como portuguez, significando *vinho de borras*. Diz mais Aulete que tambem lhe cbamam *tafiá*, o que não é exacto, quanto ao Brazil, onde esse termo, puramente francez, é completamente de conhecido do vulgo. [...]. Na Bahia, e outras provincias do Norte, dão tambem o nome de cachaça á espuma grossa, que, na primeira fervura, se tira do succo da canna na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem

<sup>5</sup> Durante a transcrição achamos por correto manter a grafia original da definição. Ver: SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Empresa Litteraria Fluminense, 1890. p. 375

<sup>6</sup> Ver: Idem.

depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinza (Moraes). Esta espécie de cachaça é distribuída ao gado, e muito concorre para engordal-o<sup>7</sup>.

Na mesma tradução do vocábulo o autor oferece uma outra definição, essa em termos figurativos. Assim, a cachaça também pode ser definida como sendo, portanto, uma “Paixão dominante: A cultura das flores é a minha cachaça”<sup>8</sup>.

Não obstante, é importante observar que qualquer outra bebida produzida a partir da cana de açúcar ou do melaço de cana sendo feita em outros lugares, como por exemplo na Espanha, receberia o nome de aguardente ou vinho. Apenas no Brasil era utilizado o termo cachaça. Além disso, a técnica empregada para a fabricação da bebida ganhou sua própria especificidade em todo o seu processo de produção. Em termos gerais, na Europa e em diversos países, as bebidas, em sua maioria, eram feitas com o processo de pisar, diferentemente do Brasil onde adotava-se um processo simples.

A primeira caldeira é chamada pelos portugueses ‘caldeira de mear descumos’, na qual o caldo é sujeito á ação de um fogo lento, sempre movido e plugado por grande colher de cobre chamada ‘escumadeira’, até que fique bem escumado e purificado. A espuma é recebida numa canoa, posta em baixo, chamada ‘tanque’, e assim também a cachaça, a água serve de bebida para os burros<sup>9</sup>.

Com esta espuma que caía desta primeira caldeira, sendo pelas bordas passava por canos por fora da casa, canos estes que estavam enterrados, no fim do cano ficava um pote onde o resultado do esfriamento da espuma escorria lentamente (CASCUDO, 1986, p. 9). A fabricação da cachaça passou por um longo processo de transformação nas etapas e uso de instrumentos destinados ao aumento da produção e à qualidade do produto. Atualmente existem duas técnicas de fabricação da cachaça, a industrial, que passa por um processo mais unificado; uma outra técnica é a artesanal, de onde se originam as melhores cachaças do país. Esse modelo artesanal é conhecido popularmente como alambiques e usam destiladores de cobre.

<sup>7</sup> Ver: BEAUREPAIR-ROHAN, Visconde de. **Diccionario de Vocábulo Brasileiros**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. p. 24

<sup>8</sup> Ver: Idem.

<sup>9</sup> Nessa descrição das técnicas de fabricação artesanal da cachaça Câmara Cascudo se apoia em: PISO, Wilhelm; MARGGRAF, Georg Laet, *Historia naturalis Brasiliae...* Lugdun. Batavorum; Amstelodami: Franciscum Hackium ; Lud. Elzevirium ; Lud. Elzevirium, 1648. 2 v. em 1. Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**: Enologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil. Belo Horizonte: Iraraiá, 1986. p. 13.

Como explica Câmara Cascudo, a cachaça era a espuma do processo do melaço e era utilizada para alimentar os animais tais como os boi, cavalos, jumentos, cabras e outras espécies. Essa “garapa azeda” – a mesma que era oferecida como alimento aos animais do engenho - passou a ser ingerida costumeiramente pelos escravos e era conhecida pelo nome de “cagaça” e talvez daí tenha se originado o nome cachaça. Evidentemente que a descoberta, por meio das experiências degustativas realizadas pelos negros dos engenhos, de que o processo de fermentação dessa espuma produzia certo teor alcoólico constitui-se em uma das principais fases do processo histórico da cachaça. Assim, ela passa a ser degustada pelos trabalhadores escravizados e livres e, com o aprimoramento de técnicas apurativas torna-se uma bebida bastante utilizada por esses agentes históricos. Desta forma, pode se afirmar que a produção de “cachaça” no Brasil, derivada de uma fermentação da Garapa azeda, se inicia com os escravos no Século XVII. A cachaça Brasileira era semelhante a uma bebida feita em Portugal ao qual levava o nome de “bagaceira”, porém esta bebida era feita com uva. Todavia, no Brasil não existia durante os séculos XVI e XVII qualquer bebida que possuísse o nome de cachaça.

A cachaça ganha diferentes nomes como bebida genuinamente brasileira. O exemplo curioso é o termo “Aguardente da terra”, um dos nomes utilizados. Este termo tem origem quando um produto era feito no Brasil e não em Portugal. Assim, para qualquer produto de origem portuguesa acrescentava-se o nome de “reino”, como os exemplos de queijo do reino, pimenta do reino, entre outros diversos produtos. No sentido inverso, ou seja, para os produtos feitos no Brasil e levados para Portugal acrescentava-se o termo “terra”. São exemplos disso: manteiga da terra, a própria aguardente da terra, ou vinho da terra, diferente do vinho do reino em Portugal conhecido como bagaceira.

Outras denominações surgiram no decorrer do tempo para definir a “cachaça” brasileira ou mesmo o “vinho da terra”. Um criada pela gente pobre e que a tinha como principal bebida e outras inventadas pelos portugueses carregadas ou não de sentido pejorativo. Como lembra Câmara Cascudo,

“o nome português ao lado do aguardente seria JERIBITA ou JIRIBITA, outrora GEREBITA. Moraes e Frei Domingos Vieira restaram GEREBITA como aguardente de borras de açúcar:

cachaça. H. Brunswick concorda no seu DICIONÁRIO DA ANTIGA LINGUAGEM POTUGUESA, Lisboa, 1910<sup>10</sup>.

O terno Jeribita ficou mais conhecido no continente africano, mais como intensidade entre o grupo étnico Bantus que se localizavam na região subsaariana da África e possui o grupo mais numeroso, sendo dividido entre a Angola-congoleses e Moçambique, tinham como destino principal a parte nordeste do Brasil. Deste forma o nome de Jeribita e aguardente se tornaram formas populares de se chamar a “cachaça” como hoje é conhecida.

Muitos sinônimos foram criados para se referir à cachaça. Em pesquisa sobre a construção lexical desse vocábulo, Folegatti apresenta diversos sinônimos dessa bebida que foram construídos e tornaram-se representações simbólicas. Entre os diversos termos atribuídos à cachaça, encontrados pela pesquisadora, alguns desses podem nos ser familiar, tais como *abrideira, água-pé, a-que-matou-o-guarda, biritá, branquinha, brava, caiana, chica-bona, delegado-de-laranjeiras, dengosa, desmanchada, desmanchadeira, desmancha-samba, espanta-moleque, fogosa, marvada, mulata, pinga, pingada, remédio, suor-de-alambique, teimosa, tira-juízo, tira-teima, tira-vergonha, venenosa, virgem* entre inúmeras outras denominações construídas a partir de práticas culturais<sup>11</sup>.

### 3. Os primeiros consumidores da “aguardente”: breve percurso

De acordo com Souza, os registros consultados informam um alto volume de importação de vinhos e “aqua ardente” (aguardente) de Portugal. Tais bebidas eram destinadas especialmente às elites coloniais, ou seja, à gente de status elevado ou que detinham certo poder aquisitivo e que, provavelmente, não consumiam a cachaça brasileira<sup>12</sup>.

Evidentemente que os trabalhadores escravizados não foram apenas os genuínos criadores da cachaça como também os primeiros consumidores dessa bebida. Grande parte da gente pobre, trabalhadores livres e escravizados, no campo

<sup>10</sup> Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**: Enologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil. Belo Horizonte: Iraraiá, 1986. p. 23

<sup>11</sup> Ver: FOLEGATTI, Myrtes Maria da Silva. **A imagem da Cachaça no Brasil e no exterior**: uma proposta descritiva de mitos culturais brasileiros com aplicação em PL2E. Monografia (Especialização em Formação de Professores de Português para Estrangeiros). Rio de Janeiro: 2013. p. 16-18

<sup>12</sup> Ver: SOUZA, Ricardo Luiz de. Cachaça, vinho, cerveja: da colônia ao século XX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 33, p. 56-75, jun-jan/2004, p. 58

e na cidade, passaram a fazer uso cotidianamente da cachaça. Foi assim que ela passou a fazer parte da vida dessa gente na colônia e no império. Com o consumo surge também as práticas de sociabilidade da bebida as definições atribuídas aos seus consumidores. A embriaguez, a partir da ingerência da cachaça, deu origem ao termo cachaceiro e que, posteriormente, adotou-se também o termo “bêbado”

Desta forma a cachaça demarca as fronteiras de classe, nascendo e se consolidando como uma bebida, exclusiva, da população pobre. Foi nesse sentido que ela passou a ser sinônimo de marginalidade, vagabundagem, desordem etc. Seus consumidores eram sempre os vagabundos, os escravos e os “bárbaros africanos”, como afirma Barbosa<sup>13</sup>. Na lógica das normas sociais impostas, principalmente, à poluição pobre e despossuída de qualquer direito a cachaça passou a ser associada a ideia de desordem social. Submetido à embriaguez da cachaça o sujeito era visto como um perigo em potencial. A partir dessa perspectiva classista foi se construindo os “lugares malditos” dos consumidores da cachaça brasileira. Esses lugares estavam – e estão - sempre sujeitos às práticas da desordem (brigas, arruaças, confusões, badernas entre outras denominações) e que fogem ao controle do poder normativo e regras estabelecidas pelos homens ditos “civilizados”. Contudo, é importante lembrar que “o alcoolismo socialmente condenado era o alcoolismo dos pobres e dos excluídos”<sup>14</sup>.

Sendo assim, na busca de uma forma de controlar o consumo excessivo dos “cachaceiros”, Portugal investe em meios que permitissem a construção de do imaginário da cachaça. Temendo que a produção de bebidas alcóolicas na colônia viesse prejudicar o mercado de vinho português, a Coroa “proibiu, com a criação da Companhia do Brasil, em meados do século XVII, a produção e comércio de vinho de mel e aguardente, em virtude do monopólio concedido à Companhia”<sup>15</sup>.

Em 1649 o rei D. João II, a partir da carta régia, decreta o fim da importação da cachaça para a Angola. Isso fez com que aumente o contrabando e as produções ilegais e caseiras da aguardente. Essa ideia não durou por muito tempo, logo a economia foi afetada pela falta de cachaça no território, pois além do fumo de rolo a cachaça era de extrema importância para o comércio dos negros. Tal

---

<sup>13</sup> BARBOSA, José Luciano Albino. **Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba: por uma Sociologia da Cachaça**. Eduepb. Campina Grande – PB. 2014

<sup>14</sup> Ver: SOUZA, Ricardo Luiz de. Cachaça, vinho, cerveja: da colônia ao século XX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 33, p. 56-75, jun-jan/2004, p. 58

<sup>15</sup> Ver: Idem. p. 59

situação fez com que os comerciantes de escravos na África exigissem cachaça para finalizar o comércio de escravos. A “Jeribita”, como chamavam, era usada como moeda de troca de escravo, a base de toda exportação da coroa era açúcar e o ouro, eram de extrema necessidade para que o reino de Portugal não sucumbisse a uma crise.

A cachaça também era utilizada pelos capitães dos navios como forma de deixar os escravos mais calmos e para que eles suportassem todo o caminho até sua chegada ao Brasil. Para alguns historiadores, esse costume fez com que os escravos que aqui chegassem já tinham adquirido certo hábito de consumir a cachaça, adotassem essa bebida como uma prática social que, de certa forma, permitia um certo esquecimento das dores e sofrimentos.

As diversas formas de distorcer a visão da população sobre a cachaça surtiu efeitos. Além da proibição, começaram a criar uma divisão entre o homem sóbrio e o homem embriagado. O primeiro seria considerado educado, de boa índole e de “boa família”, enquanto o segundo, o considerado cachaceiro, estaria sem a sua lucidez, quase sempre fora de sua razão.

A proibição estabelecida pelo rei D. João VI perdurou até o Primeiro e Segundo Reinado no Brasil. O consumo e embriaguez resultada da cachaça era notadamente vista como coisa exclusiva de negro e de pobre. Todavia, a cachaça foi muito utilizada como um mecanismo de controle dos trabalhadores escravizados. É de conhecimento comum que todo escravo que desejasse a liberdade e consequentemente fugisse para desta forma tentar alcançá-la, era torturado como forma de exemplo para outros. Mas isso não bastava! Para manter os escravos “mansos” eles precisavam fazer com que aqueles que incentivavam os demais a fugir não fossem ouvidos, desta forma eles liberavam o consumo da cachaça para todos os escravos e quando um deles tentava juntar um grupo para escapar, os fazendeiros espalhavam a notícia que aquele escravo era um viciado em cachaça, ou seja, um “cachaceiro”. Por este motivo tudo que ele falava não tinha muita relevância, dando origem à crença popular que “cachaceiro não sabe o que fala”.

Além dos negros, a cachaça também foi usada contra os indígenas como forma de controle. Nas aldeias que eram controladas pelos jesuítas o consumo de qualquer bebida alcoólica era proibido, porém depois da liberação o consumo passa a ser excessivo e começa a colocar a cachaça como uma bebida além de alcoólica “[...] tal qual uma solução mágica, milagrosa que transfigura, mesmo

temporariamente, o presente imediato<sup>16</sup>. A expulsão dos jesuítas das terras brasileiras permitiu o consumo da cachaça nas aldeias, antes controladas por aqueles religiosos, difundindo ainda mais o seu consumo entre os nativos.

Na atualidade, uma das formas mais comuns e popular - não só no Brasil como também em outros países - de se consumir a cachaça é a caipirinha. Suas origens remontam às reuniões de escravos onde eles misturavam a cachaça com o limão, dando assim origem à caipirinha. Outras maneiras de consumo criadas pelos escravos estão relacionadas às práticas de cura. A gente pobre, trabalhadores escravizados e livres, acreditavam que a cachaça servia como remédio para o combate de determinados males, como por exemplo o uso para combater a gripe com a mistura de cachaça com o limão, mas, desta vez, adicionando mel e alho à mistura, com isso a cachaça passa a ser conhecida como o "remédio para todos os males".

A cachaça não só esteve presente nas reuniões de escravos ou nas aldeias indígenas. Em levantes populares durante o Brasil colônia, as informações dão conta de que a cachaça também estava presente. Essa situação é evidenciada, por exemplo, na revolta de Beckman que teve início por volta do ano de 1684. Essa revolta, liderada pelos irmãos Manuel e Tomás Beckman, tinha o objetivo de desmantelar a Companhia de Comércio de Maranhão que monopolizava o comércio de mercadorias. Além de não atender o mercado local, as mercadorias chegavam atrasadas, desgastadas e com preços altos. Essa revolta recebeu apoio dos comerciantes da região do Maranhão. Outro problema foi o fim da escravidão dos indígenas com a chegada dos jesuítas, o que desagradou aos comerciantes e levou a expulsão daqueles. O historiador Figueiredo observa que durante essa revolta "o consumo exagerado generoso do álcool" é denunciado por certo cronista. De acordo com essa fonte, um fato curioso que chama a atenção no que se refere ao uso dessa bebida é de que durante uma teatralização em que um dos irmãos Beckman ministrava uma missa, imitando um padre jesuíta com os mesmos trajes, o vinho, utilizado durante o ritual sagrado do catolicismo, fora substituído proposadamente pela cachaça no ato da bênção<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Ver: BARBOSA, José Luciano Albino. **Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba**: por uma Sociologia da Cachaça. Eduepb. Campina Grande – PB. 2014. p. 36

<sup>17</sup> Ver: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Linguagem da embriaguez: cachaça e álcool no vocabulário político das rebeliões na América portuguesa. **Revista de História**. São Paulo, USP, nº. 176, 2017, p. 4-5

Um século depois novos levantes populares ocorreram na colônia, desta vez nas regiões de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais e, mais uma vez, a cachaça também se fez presente, porém, naquele momento, não só como bebida. Em 1720, em Vila Rica, Minas Gerais, a população temerosa com o advento das Casas de Fundição demonstra a sua insatisfação por meio de revolta. Segundo Figueiredo, o Conde de Assumar, governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, ao ser informado do protesto, “tripudia da seriedade das intenções e do perigo daquela gente, justificando que tudo não passava de ‘indigestões de cachaça’. ‘Indigestão’ não alude aqui a problemas no estômago”. De acordo com esse historiador, “além desse significado usual, a palavra aparecia empregada com o sentido de correção de abusos (...) e ainda exprimindo ‘cousa confusa, posta sem ordem’”. A atitude do governador tinha uma clara intenção, a de deturpar os movimentos populares<sup>18</sup>.

Em outro protesto, desta vez a revolta do Terço Velho, na Bahia, realizado por soldados que reclamavam os atrasos dos salários e a miséria a que estavam submetidos, o Conde de Assumar, num encontro com os manifestantes do protesto em 1728, interpelou “os soldados amotinados e no encontro com eles teria indagado: ‘que bebedice ou atrevimento era aquele?’”<sup>19</sup>.

Nesse sentido, a interpretação que as elites dominantes faziam dos protestos de populares era que essas revoltas não passavam de movimentos irracionais que fugiam ao controle dos códigos normativos que permitiam a estabilidade de uma hierarquia social. Essa estrutura social tendia a condenar grande parte da população da colônia e império à condições miseráveis de vida.

#### **4. O bêbado do século XX**

Como podemos notar no item logo acima, alguns apontamentos sugerem para uma construção histórica do uso da cachaça, durante os períodos colonial e imperial, quase sempre carregada de uma representação negativa. Como vimos, a associação dessa bebida, tida como bebida exclusiva da gente pobre, às práticas da desordem tende a ser usada para desclassificar e inferiorizar essa população que dela fizesse uso. No entanto, aos consumidores de “vinho do reino”, não era

---

<sup>18</sup> Idem. p. 8

<sup>19</sup> Idem. p. 9-10

destinado esse tipo de tratamento. Esta forma de pensar a cachaça perturbou até o século XX.

As transformações econômicas e sociais promovidas pela revolução industrial não produziu apenas riquezas, mas também uma profunda miséria que abateu a vida das populações pobres. As cidades industriais, principalmente, viveram a introdução do dito elemento moderno que impôs aos seus habitantes “novos ritos e ritimos”. Na segunda metade do século XIX as metrópoles europeias ensaiavam para o mundo as experiências do moderno.

Em fins do século XIX e início do XX as principais capitais brasileiras experimentavam um conjunto de transformações sopradas dos ventos da Europa. As reformas urbanistas e sanitárias empreendidas pelo prefeito Pereira Passos, projetava reformar a cidade do Rio de Janeiro nos moldes da reforma parisiense realizada por Haussmann<sup>20</sup>.

A política de reforma urbana do Rio de Janeiro, por exemplo, seguia o modelo de modernização das metrópoles europeias que sofreram transformações em fins do século XIX. Nesse sentido, o projeto modernizador operava afim de que para uma nova cidade era necessário um novo homem e esse projeto elitista não incluía, portanto, a gente pobre da capital da república.

Para isso era necessário que todas as Casas, casebres e bares ou botecos fossem demolidos para dar lugar à “nova cidade”. Esse projeto elitista que via os populares como um grande problema social condenava a moradia dessa gente no centro urbano e todos os seu hábitos que eram considerados indecorosos, indesejosos e desordeiros. Esse comportamento, visto como imundices era condenado pelo discurso médico. Para tanto, os seus habitantes foram transferidos para as margens da cidade, originando assim as denominadas favelas.

De acordo com a literatura, o consumo da cachaça nos espaços habitados pelos populares era comum. Nos bares, botecos, cortiços, prostíbulos a

---

<sup>20</sup> Georges-Eugène Haussmann, conhecido como Barão de Haussmann, foi um advogado e político francês. Nomeado prefeito da cidade de Paris pelo imperador Napoleão III, administrou a capital francesa durante período de 1853 a 1870. A sua política de reforma urbana remodelou a cidade, criando grandes avenidas e Bulevares. Além de melhorar a distribuição de águas também criou uma grande rede de esgotos.

cachaça era a principal bebida que levava a alegria e, também, “muita confusão”, no dizer dos narizes refinados<sup>21</sup>.

Em princípios do século XX tem-se início um estudo sobre o alcoolismo e sobre suas manifestações na sociedade.

No Brasil, em princípios do século XX, uma das discussões sugeridas pela psiquiatria girava em torno da responsabilidade do álcool na manifestação da loucura: o álcool seria responsável pela produção dos sintomas de desordem mental ou a perturbação já existiria anteriormente, sob forma latente, e, nesse caso, o álcool funcionaria como um fator desencadeador<sup>22</sup>.

Neste início de século a psiquiatria ainda está se firmando como área de estudo no Brasil. A psiquiatria compreende que o alcoolismo se constitui em três estágios, tendo o segundo o grau de importância maior, compreendido como o “período furibundo” ou “período do crime”. Durante este período a pessoa sob influência do álcool colocaria para fora os desejos mais selvagens do ser humano, podendo mudar de uma pessoa feliz para alguém agressivo. Desta forma, aquele sobre a influência do líquido etílico não teria razão sobre suas ações e tudo o que ele venha a fazer nada mais é do que instinto<sup>23</sup>.

A psiquiatria classifica o alcoolismo então como doença e era necessário tratar de diversas formas. Santos e Verani<sup>24</sup> colocam que, uma das principais classes que deveria ter uma atenção maior seria a dos operários isso por que o Brasil estaria no início de uma reforma industrial e o alcoolismo era frequente entre os operários. Para esse discurso, pelo consumo excessivo do álcool os operários muitas vezes causavam acidente e até mesmo faltavam, pois estariam de “ressaca”, criando o imaginário popular de que todo bêbado é intratável e não presta para o trabalho. Para as elites dominantes, era preciso acabar com o “mau costume” dos operários em buscar na bebida o fortificante. Eles deveriam parar de frequentar botecos, casebres e bares, estancando assim o consumo da cachaça e permitindo a criação de hábitos civilizados.

---

<sup>21</sup> O escritor Aluizio de Azevedo narra com tamanha sensibilidade os cortiços, enquanto ambiente onde habitavam a maioria da gente pobre, muitos deles descendentes de trabalhadores negros escravizados. Ver: AZEVEDO, Aluizio de. **O Cortiço**. 27 ed. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>22</sup> Ver: SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. **Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. v.17, supl.2, dez. 2010, p.402

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

O número de internações correspondente ao alcoolismo no século XIX era crescente e já representava o resultado de certa intervenção do discurso médico sobre a embriaguez. Mas nesse período,

Diante da falta de uma definição para o quadro de sintomas que possibilitasse um correto diagnóstico da doença, a terapêutica mais comum ficou sendo a tradicional receita popular: repouso, uma boa alimentação e abstinência das bebidas. Mas agora o lugar de curar o bêbado era o asilo, o hospício<sup>25</sup>.

Com a consolidação da psiquiatria ainda no início do século XX, as instituições de assistência foram transformadas em hospícios. Nas primeira década, já era “enorme contingente de alcoólatras internados nos hospícios”<sup>26</sup>.

Foi somente em fins do século XX que a produção e o consumo da cachaça começam a ganhar novas formas de serem feitas, e de serem pensada. A elaboração de cachaças mais refinadas passa a atender as demandas de um público mais exigente. Nesse sentido, a cachaça ganha espaço de consumo nos meios sociais mais abastados, contribuindo para a desconstrução da ideia do cachaceiro.

A modernização do processo de produção e fabricação da cachaça permitiu também a expansão desse mercado. Assim, foi possível investir no meio propagandístico e de turismo relacionado especificamente à essa bebida. Por volta da década de 1990 a bebida original dos escravos ganha seu lugar de respeito no mundo, entrando no Internacional Bartenders Association (IBA) que é um instituto mundial de bartenders. Tal instituto tem como objetivo classificar os melhores drinks do mundo. A caipirinha está classificada entre um dos 62 drinks<sup>27</sup>.

## 5. O imaginário do bêbado na literatura

O bêbado foi um personagem muito presente expresso nas diversas formas de arte. Não só na literatura, mas também no teatro e no cinema, o bêbado

---

<sup>25</sup> Idem. p. 414

<sup>26</sup> Idem. p. 415

<sup>27</sup> MAZARO, Ricardo Anson. **Acachaça no Brasil e a hospitalidade**. X simpósio de pesquisa em comunicação da Região Sudeste – SIPEC. Rio de Janeiro. 2004  
PRIORE, Mary Del. Do corpo ao corpo e do corpo à alma: cachaça, cultura e festa. In: FIGUEIREDO, Luciano et al (Orgs.). **Cachaça: alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005.

geralmente é colocado não como personagem principal, mas sim, como um personagem que está ali só para fazer graça. Quase sempre o papel atribuído ao bêbado é o do cômico.

As perspectivas construídas sobre o bêbado na literatura brasileira partem quase sempre de formas excludentes, de maneira que esse personagem torna-se um agente muito próximo do bandido. O processo de criminalização que a cachaça sofreu enquanto produto da gente pobre passa a ser reproduzido pela literatura. A fuga constante dos dois da polícia parece não sair do imaginário coletivo.

Ao apresentar a experiência da cachaça na formação da cultura nacional, a historiadora Mary Del Priore observa que essa bebida impregnou-se no cotidiano de grande parte da população brasileira. O seu “uso e abuso” se estendia em todas as atividades cotidianas de populares, do trabalho à festa. Assim, ela se tornou

[...] símbolo de festa, de alegria de viver, de escapismo da esmagadora rotina cotidiana. Bebida democrática, pois permite o convívio de pessoas de diferentes categorias, e em diversas circunstâncias, a pinga reúne, agrega, faz rir junto. Remédio para o corpo e para a alma, seu uso assumiu, igualmente, significados sagrados em vários contextos de religiosidade, sendo indispensável nos cultos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda. Ou nos ritos, afro-indo-brasileiros, como o catimbó, a pajelança além de participar em diversas práticas de magia popular<sup>28</sup>.

A apropriação dessas experiências, saberes e de todo um imaginário coletivo sobre a cachaça e o cachaceiro pela literatura consistiu como uma obra prima para a construção também de um imaginário literário do bêbado.

Apesar de encontrarmos um número significativo de obras literárias que exploram esse personagem, aqui iremos se utilizar apenas duas obras do escritor paraibano José Lins do Rêgo, *Usina* e *Fogo Morto*.

Oriundo de família possuidora de terras na mesorregião do Agreste paraibano, perdeu a sua mãe ainda criança e passou a viver com os avós maternos no engenho. Essa vivência de José Lins do Rêgo lhe permitiu a constituição da matéria prima dos seus romances. Da sua obra, podemos lembrar as mais conhecidas como *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra bonita* (1938), *Fogo*

---

<sup>28</sup> Ver: PRIORE, Mary Del. Do corpo ao corpo e do corpo à alma: cachaça, cultura e festa. In: FIGUEIREDO, Luciano et al (Orgs.). **Cachaça**: alquimia brasileira. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005. p. 62

morto (1943). A sua obra está completamente ambientada em uma região dominada pela economia açucareira e de relações de poder que expressam o mandonismo local e o cotidiano do mundo rural, fazendo referências diretamente ao que se constituía todo esse lugar. Assim, não escapa à produção de sua obra um mundo próprio, onde ele nasceu e viveu sua infância e adolescência, um mundo material e imaterial. Nesse ambiente, a paisagem constituída pelas plantações de cana de açúcar, o engenho, a cachaça, e todo imaginário saltam as páginas de seus romances.

A partir de seus dois romances *Usina* e *Fogo Morto*, é possível pensar em como se constituía a sociedade numa dimensão local e regional do agreste paraibano na primeira metade do século XX. A nossa preocupação aqui se encontra em compreender qual era a importância da cachaça para essa população. O romance de “Usina” tem como o personagem principal o “moleque Ricardo” que foge de Fernando de Noronha após o fim da greve e com seus companheiros presos, vai para Santa Rosa que posteriormente se torna na Usina de Bom Jesus, a primeira vez que o bêbado e cachaça aparecem na obra.

A vida para eles era as noites que eles tinham para gozar e os domingos e os dias santos em que se espichavam pelas portas dos mocambos quando não se davam às mulheres, à cachaça, aos folguedos dos ensaios para os grandes dias do Carnaval<sup>29</sup> (REGO, 2010, p. 44).

O romance procura denunciar os fins dos engenhos e o surgimento da usina. Com o moderno processo de fabricação do açúcar outras mudanças foram introduzidas como a expansão das áreas de plantação da cana de açúcar, tendo como consequência para trabalhadores rurais e camponeses a expropriação de suas terras. Nas atividades laborais da usina, por exemplo, os trabalhadores mantinham uma relação muito forte com a cachaça. Ela fazia parte das atividades dos trabalhadores e como uma espécie de alívio para os dias de trabalho duro.

Num dia daqueles de junho o velho José Paulino sorria de contente. O eito cavava a cova para as sementes de cana. A chuva criava o milho, amadurecia o feijão, fazia a fartura do povo. Os trabalhadores bebiam cachaça para esquentar o corpo engelhado<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Ver: REGO, José Lins do. **Usina**. Apresentação de José Luiz Passos. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 44.

<sup>30</sup> Ver: Idem. p. 230

O seu romance *Fogo Morto* tem uma importância excepcional para entender a sociedade do século XX e como ela está envolvida com os engenhos. Considerada uma das obras primas do autor, tem como enredo principal mostrar não só a vida dos engenhos como também os declínios. A primeira menção ao bêbado mostra o personagem José Passarinho em um diálogo com mestre Amaro e Capitão Vitorino:

" - Não diga uma coisa desta, seu capitão. Ainda hoje não engoli um quarto de cachaça. Eu passei ali pela venda de Salu, e ele me disse: "Passarinho, toma esta caninha para lavar a boca." Só fiz lavar a boca, e o capitão está aí dizendo que estou bêbado. Capitão me dá um cigarrinho"<sup>31</sup>.

Captada pelos olhos perspicaz e pela perícia sensitiva de um escritor a realidade social se torna a principal matéria prima da construção ficcional. Sendo assim, essa literatura torna-se uma das representações mais denunciativas dessa realidade. O hábito de tomar uma "caninha" estava impregnado no cotidiano, principalmente da gente pobre. Essa prática era indissociável da vida do trabalhador do campo. Fosse nos dias de feira na cidade ou nas bodegas na zona rural a cachaça se tornava o principal recurso que intermediava o encontro e a conversa, tornando aquele momento prazeroso. Muitos tinham essa mania de ir a uma venda e beber algo "para começar o dia", além de mostrar que a cachaça só era citada por pessoa de classe baixa. "O negro beberia uma cachaça e daria com a língua nos dentes"<sup>32</sup>, não só na obra *Fogo Morto* a cachaça aparece como algo de pobre ou negro, em *Usina* também é colocada desta forma:

"A vida era mais mansa no tempo do Santa Rosa. Era o que Ricardo sentia no balcão do barracão, aonde servia de caixa. O chefe era seu Ernesto, que viera do Pilar, com prática de negócios. Havia tudo no barracão: carne de ceará, fazenda, chapéu de palha, cachimbo, fumo de rolo, cigarro, cachaça, tudo que pobre queria e precisava se encontrava na casa de seu Ernesto"<sup>33</sup>.

Não só na literatura de José Lins do Rego. Mas na Paraíba, o personagem do bêbado, ou mesmo a cachaça, aparecem também na Literatura de cordel. Aqui o bêbado também tem seu lugar. Não é de se admirar que nessa literatura a cachaça e o bêbado se faça tão presente, uma vez que se trata de um

<sup>31</sup> Ver: REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 73. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 90.

<sup>32</sup> Ver: Idem. p. 117

<sup>33</sup> Ver: Idem. p. 92

lugar que representa as classes sociais destituídas de poder aquisitivo. A visão na qual o bêbado aparece nela se aproxima muito mais desse próprio agente histórico.

A cama velha de palhas  
Um cão magro no terreiro  
Quatro pintos num poleiro  
Um baú cheio de tralhas  
Selas velhas e cangalhas  
Fuxico e arrotos ruins  
Trama, barulho e pantim  
Garrafa e copo quebrado  
Serviço pra delegado  
Vida de bêbado é assim.

Goteiras dentro de casa  
Por cima do catatau  
Coisas velhas num jirau  
Fogão de lenha sem brasa  
O almoço sempre atrasa  
A conversa não tem fim  
Montilla, cachaça e gim  
Dentro de casa sobrando  
Dinheiro sempre faltando  
Vida de bêbado é assim<sup>34</sup>.

O cordel tenta mostrar como é a vida do bêbado, como sempre de classe baixa, na literatura nada mais é que um reflexo da construção histórica sobre o bêbado.

## 6. Considerações finais

Em suma o assunto discorrido ao longo deste artigo trás como o imaginário da cachaça e do bêbado foi construído ao longo dos séculos, a cachaça tendo sua criação com os escravos durante a produção do mel de cana, de onde se retirava a "garapa", mostra que um dos produtos mais consumidos no Brasil vem das mãos dos trabalhadores escravizados, negros e pobres.

Assim, construiu-se o imaginário de que a cachaça era coisa de Negro, de gente pobre, de imigrante. A imagem do bêbado arruaceiro, aquele que não sabe de

<sup>34</sup> Ver: VIANA, Eduardo. **Vida de bêbado é assim**. Disponível em <<http://panteracordelaria.blogspot.com.br/2009/12/vida-de-bebado-e-assisim.html>> acessado em 13 de Maio de 2018. p. 01

nada, que a única coisa que deseja é beber prevalece até os dias atuais, como sendo uma herança do período colonial.

No século XX não foi diferente. Os estereótipos, estigmas, preconceitos foram alimentados ainda mais em torno do imaginário da cachaça e do cachaceiro. Com a reurbanização, consumidores da cachaça os chamados bêbados, começaram a ser vistos como vagabundos que sujavam a imagem da cidade grande. No início do século XX o discurso médico definiu o alcoolismo como uma doença que precisava ser tratada. Com o crescimento das fábricas, exigiu-se uma reeducação do comportamento dos trabalhadores que eram considerados como indisciplinados e preguiçosos. Deu-se origem ao bêbado intratável, e precisava que eles parecem, com isso ao passar do tempo auxiliou na criação de leis que proibissem o consumo de bebida até como as que regem nossas vidas, a exemplo a proibição para menores.

Podemos perceber que ao longo dos séculos a bebida incomodou as camadas mais altas e médias da sociedade, levando a proibições durante o Brasil Colônia e Império.

Mesmo com todo esse imaginário criado sobre a cachaça e seu consumo ela, a partir dos anos 1990, começa e reverte este caso quando entra para a IBA, em 2001 e 2002 pelos decretos 4.062/01 e 4.072/02 o presidente Fernando Henrique Cardoso, coloca a cachaça como sendo um produto exclusivamente brasileiro. A importação da cachaça partir do ano 2000 tem um grande aumento isso faz com que no exterior a cachaça seja reconhecida como algo da cultura popular não só como uma bebida, mas também como numa forma de se ligar ao samba, feijoada e carnaval.

Desta forma podemos perceber que são preconceitos existentes no nosso dia a dia não aparecem do nada ou simplesmente da ignorância das pessoas, mas sim são construção de séculos sobre determinado assunto.

## **THE CACHAÇA AND A HISTORICAL CONSTRUCTION OF THE CACHACEIRO: SOME APPOINTMENTS**

### **ABSTRACT**

This article aims to make an analysis of the historical and social construction of the Brazilian popular drink the cachaça about how it is directly and indirectly involved in the creation of some customs now recognized as common and popular. Also making a minimal analysis on the imaginations, preconceptions created on those consumed the cachaça, not only at the time of its creation during the colony Brazil, but also as on the twentieth century and the image of the cachaceiro in works like Literature (Usina and Fogo Morto), finally showing a change from the 90s.

**Keywords:** Construction, Cachaça, Drunk

### Referências

AZEVEDO, Aluizio de. **O Cortiço**. 27 ed. São Paulo: Ática, 1995

BARBOSA, José Luciano Albino. **Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba: por uma Sociologia da Cachaça**. Campina Grande – PB: EDUEPB, 2014

BEAUREPAIR-ROHAN, Visconde de. **Dicionário de Vocábulo**s Brasileiros. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

BRITO, Karine Ferreira. **Revolta de Beckman**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/historia/revolta-de-beckman/>> acessado em 10 de abril de 2018

CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça: Enologia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil**. Belo Horizonte: Itaruaia, 1986.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Linguagem da embriaguez: cachaça e álcool no vocabulário político das rebeliões na América portuguesa. **Revista de História**. São Paulo, USP, nº. 176, 2017, p. 1-25

FOLEGATTI, Myrtes Maria da Silva. **A imagem da Cachaça no Brasil e no exterior: uma proposta descritiva de mitos culturais brasileiros com aplicação em PL2E**. Monografia (Especialização em Formação de Professores de Português para Estrangeiros). Rio de Janeiro: 2013. p. 16-18

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Origem dos Escravos Africanos**. Disponível em <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/origem-dos-escravos-africanos/>> acessado em 20 de Março de 2018

- MAZARO, Ricardo Anson. **Acachaça no Brasil e a hospitalidade**. X simpósio de pesquisa em comunicação da Região Sudeste – SIPEC. Rio de Janeiro. 2004
- PRIORE, Mary Del. Do corpo ao corpo e do corpo à alma: cachaça, cultura e festa. In: FIGUEIREDO, Luciano et al (Orgs.). **Cachaça: alquimia brasileira**. Rio de Janeiro: 19 Design, 2005.
- REGO, José Lins do. **Fogo morto**; apresentação Benjamin Abdala Junior. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- REGO, José Lins do. **Usina**. Apresentação de José Luiz Passos. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. Recurso digital
- SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. **Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. v.17, supl.2, dez. 2010, p.401-420
- SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Emprea Litteraria Fluminense, 1890. p. 375
- SILVA, Daniella Ramos; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. **A mitologia na representação cultural da cachaça: imagem negativa e tentativa de ressignificação**. Revista da Associação Nacional dos Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Ed 13. 2010
- SOUZA, Ricardo Luiz de. Cachaça, vinho, cerveja: da colônia ao século XX. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 33, p. 56-75, jun-jan/2004, p. 58
- VIANA, Eduardo. **VIDA DE BÊBADO É ASSIM**. Disponível em <<http://panteracordelaria.blogspot.com.br/2009/12/vida-de-bebado-e-assim.html>> acessado em 13 de Maio de 2018
- ZULIAN, Rosângela Wosiack. “Bêbados, arruaceiros e sovinas” a Igreja Católica e o imaginário imigrante no início do século XX – Ponta Grossa (PR). **História: Debates e Tendências**, n. 2. 2009. p 299-313